

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 271 - Volume XXX - Porto Velho -  
NOVEMBRO/2010.

ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**FABIÓLA HOLANDA** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

EDITORAÇÃO GRÁFICA

**ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO**

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: [primeiraversao@gmail.com](mailto:primeiraversao@gmail.com)

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970 PORTO VELHO-RO

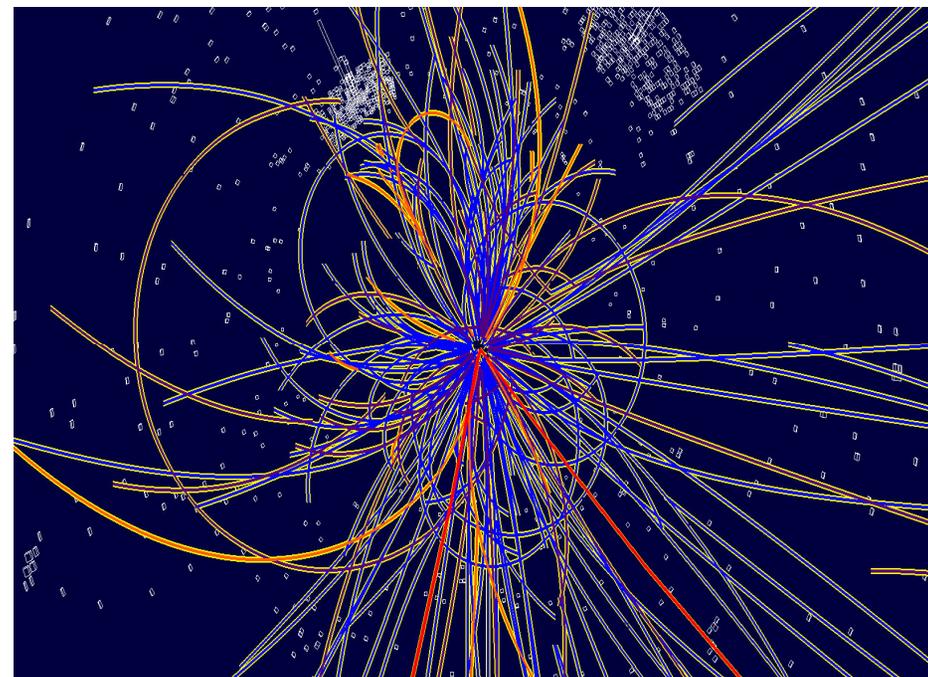
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**271**



**máquina tribal: fragmentos finais**

alberto lins caldas

## máquina tribal: fragmentos finais

**alberto lins caldas**

Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Curso de História

www.albertolinscaldas.unir.br

albertolinscaldas@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo é o final de uma série de textos sobre o conceito de “máquina tribal”. Discorre, em várias perspectivas, sobre imediatos, forças, temporalizadores, em variações q desenvolvem a noção de “máquina tribal”.

**Palavras-chave:** máquina tribal, imediatos, corpo, forças.

**Abstract:** This article is the end of a serious of texts on the concept of “tribal machine”. It discourses, in several perspectives, on immediate, forces, temporalizing, in variations q develop the notion of "tribal machine".

**Key-Words:** tribal machine, immediate, body, forces.

i

“... não conviria aproveitar para falar disso, enquanto ainda se pode fazê-lo livremente?”

Revolução Molecular

Felix Guattari

\*. todos os conceitos, imagens, idéias, formas, historicidades jorram da máquina tribal, das máquinas contratuais, sem lhes serem precedentes, transcendentos, imanentes, “científicas” ou “filosóficas”, mas acontecimentos vivos dos imediatos, fogo q jorra e cessa, produto das máquinas contratuais, produzidas e produtoras de temporalizadores (os existentes, a efetividade). por isso os conceitos, as formas, as idéias escorregam em si mesmo sem visualizar a máquina tribal: eles pensam q pensam, quando são apenas “peças de reparo” e retroalimentação da máquina tribal e suas máquina contratuais.

\*. cada idéia de “máquina tribal”, poderá ser contestada filosoficamente, se mostrar sua inexatidão, contradição, desperdício, plágio, inseqüência: é dessa maneira mesmo! sem todas as fissuras, erros, enganos, deformações não poderíamos “ver” a máquina tribal.

\*. como o conjunto do movimento social (a “práxis” geral da máquina tribal) não é apreensível pelo indivíduo, ou visível em sua totalidade (não vivenciamos os entrenós, mas apenas aqueles onde transitamos, comerciamos), se criará sempre imensos fantasmas (formas e movimentos especulares não vivenciados do conjunto da práxis) q habitarão as mais diversas formas de crença, desde as mais materialistas às mais místicas, desde as perspectivas mais democráticas às mais nazistas, desde naturezas às mais puras espiritualidades: tudo sempre confirmado, vivido, provado: sem esses imensos fantasmas e suas minúsculas legiões não poderiam manter todas as “formas de conhecimento” o real com todas as suas ilusões, ideologias, religiões, políticas e crenças as mais variadas.

\*. dado q a filosofia não é senão transversais da precariedade e da projeção auto consciente, as “certezas do senso-comum” e as “certezas científicas”, mesmo clamando sua precariedade, precisam ser rediscutidas assim como foram nos séculos xvii e xviii: essas certezas advém da sensação de q tudo é governado seja pela natureza, seja pela sociedade, seja pelo estado, seja pela economia, seja por deus: pra uns o familiar e cotidiano parece sempre estável, fácil de compreender, ou pelo menos de suportar: ta acabado em todas as suas dimensões, bastando viver, seguir os caminhos e conviver, tando o mistério da mudança das gerações a cargo duma visível decadência; pros outros há um suporte mutável, mas firme em suas leis, a natureza, o cosmo, a razão, donde provirá sempre suas descobertas e é o suporte de tudo: mas assim q se afastam dos sentidos e dos conceitos as dúvidas surgem a respeito de todas aquelas coisas q antes aceitavam compreender perfeitamente: mas rapidamente tudo se reenquadra nos princípios: de todas as perspectivas surgem erros dos sentidos, indefinição dos conceitos, mutabilidade antagônica de todos os aspectos do real, multiplicidades de mundos, de língua, de corpos e de sentidos, de fronteiras e universos polidimensionais e q não se correspondem nem desejam isso: universos terroristas (outras máquinas tribais? mas isso é impossível: a máquina tribal é única e eterna) q não aceitam nem a igualdade nem a fraternidade e muito menos a universalidade duma humanidade, duma natureza, dum corpo, dum povo e dum deus: e ao se empenharem em corrigir por meio das práticas e crenças cotidianas ou com a razão ou com a experiência, caem sempre, sem perceber, em paradoxos, dificuldades e inconsistências q se multiplicam e teimam em esquecer certas obviedades, esquecimentos estes q garantem a “harmonia do conjunto”: e se horrorizam quando as bombas explodem “sem razão”.

\*. reordenamento: palimpsesto: escrever sobre outro texto, com outro texto, reordenando seus materiais, sua forma, suas palavras e imagens: corpo de aranha infestado por ovos de vespa: articulação entre tempos, corpos, textos, vidas diversas: método cinematográfico, técnica onífrica, interferência e substituição: a ordem a ser seguida depende das escolhas pessoais: partes separadas se unem e juntas se separam: uma estrutura nasce duma

reorganização da outra: fundir personagens (conceituais?): separar em muitos um só personagem: misturar falas: substituir elementos: desdobramento do q ta dobrado e dobramento do desdobrado: condensação, abertura, exageração, deslocamento, permutação, montagem: cortar, separar, unir: juntar planos, reestruturar cenas, criar seqüências nos vazios, esvaziar os cheios: cortar e recompor com sutileza, com lentidão, com violência, com suturas visíveis e invisíveis: não há corte errado: um novo sentido é construído durante a escrita doutro texto: o tempo é refeito: a reordenação cria nova seqüência e novas relações entre o “texto matriz” e o novo texto, q se tornam entre si tão distantes ou tão próximos quanto com qualquer outro texto: um texto se escreve sobre outro texto ao sabor da leitura-escrita: palavras chamam frases, denunciam idéias, atraem imagens, mistura parágrafos sobre parágrafos: o resultado é sempre o q se escreveu, não sobre o q se escreveu: o texto é somente pré-texto.

\*. a máquina tribal não é diretamente ligada à produção das máquinas contratuais (a máquina tribal não é um “ser”, um “indivíduo”, nem “um entrenós”): a produção delas é feita por outras máquinas contratuais em determinados entrenós e seus imaginários, crenças, determinadas atividades e lugares: fatias, dimensões, partículas dos entrenós produzem cada máquina contratual com as linhas de forças de todos os entrenós, as linhas e potências da máquina tribal: porisso em cada máquina contratual vibra a máquina tribal “inteira”: de cada uma saem e entram fios de forças q se estendem, q se enlinham, q vibram nos mesmos ritmos dos entrenós [cada máquina contratual é uma dobra da máquina tribal, vincos dos entrenós, o mesmo diferente]: o processo pleno não é o de causa-efeito: a idéia de causalidade não passa de idéia diante das produções virtuais, viróticas, rizomáticas, hipertextuais, inapreensíveis, q é são as produções e é a própria máquina contratual [ela não pode ser resumida, restrita, definida pelas produções de si mesma: os resultados das produções duma máquina contratual apenas integra e dispõe os temporalizadores tribais, mas não o tornam um “autômato”, mas um “andróide” onde o “maquínico” e o “livre” se unem pra q a máquina contratual possa agir e ser agido conforme as necessidades dos entrenós, conforme suas próprias necessidades e poderes: essa a grande função da liberdade, da autonomia]: expressões de forças, afetos, afecções, potências inscrevendo a máquina contratual e seu se apresentar atual (o corpo), suas modalidades, pensamentos, agires, poderes, lugares, funções, relações, forças, vontades.

\*. a multiplicidade dos entrenós e do cada-um torna a máquina tribal uma unidade impossível, uma alegoria de ritmos tão diversos quanto as unidades múltiplas e sem composição possível [alegoria q estoura]: ao mesmo tempo essa dispersão sendo rítmica, evidente, forças q se tornam as potências nas produções, as atividades, loxograficamente se entrevê a figura do horror q é a máquina tribal.

\*. há a consciência com as forças mais potentes, ajudando elas a devorarem, a integrarem, incorporarem outras forças, o q elas mesmas fazem sem ajuda – consciência estúpida, sempre tola, crendo em águas com açúcar, q é “ela” q escolhe, pensa, age, sente, não sendo mais q um fantasma ressentido, cristão-burguês, das forças fracas unidas (por isso mais fortes no sentido “quantitativo”: esmagam pelo peso), das baixas potências, dos imaginários de apoio, proteção, reprodução do existir da máquina tribal, dos fluxos determinados dos entrenós: quando essa coisinha se torna casulo só faz fazer sofrer a máquina contratual, em “carne viva”, pra nada, por nada – porq “não há nem ‘espírito’, nem entendimento, nem pensar, nem consciência, nem alma, nem vontade, nem verdade: tudo ficções que são inúteis.” (nietzsche, fragmentos finais, 2007: 79)

\*. depende das forças envolvidas: afecções e afetos: potências: programas, ritmos, crenças, ordens, hábitos: um simples levantar o dedo: multiplicidades parecendo unidade: do gesto agora até a máquina tribal e dela até o dedo levantando em imediatos de produções: liberdade é compreender q não há liberdade nem compreensão: tudo depende das forças postas em andamento, em rede, em programas se gerando e sumindo agora: pra nada: sem finalidade: sem origem: algo se realiza porq foi articulado pra se realizar naqueles imediatos mas esse a-se-realizar-depois “ta” também nos imediatos: daí se acredita no q se quiser, inclusive nisso, ou não: e a máquina tribal continua indiferente, mas com todas as potências em atividades.

\*. não há mistério: o universo é a máquina tribal: por isso é inteligível, articulado, lógico, matematizável, sendo capaz de receber todas as teorias, todas as idéias, todas as modificações, todas as dúvidas, todas as crenças: o real são os entrenós, seus trabalhos, suas atividades entrelaçadas, seus resultados, suas expressões, sua presença, suas forças específicas e tão gerais e intocáveis q sentimos elas como os crentes sentem deus: correspondências, correlações, conexões, simetrias, proporções, regularidades, repetições, ordens: máquina tribal.

\*. os entrenós [as populações, o povo, a massa, os trabalhadores, as famílias, os grupos, as classes, máquina contratuais] expôs o “estado”, o “governo”, o “mercado” como imaginários de apoio, gerentes do real, empregados do senso comum, “lacaio da totalidade” [“parasitas da sociedade”, existentes apenas enquanto sustentados imaginariamente por crenças, atividades produtoras de realidade q se volta sobre si mesmas e fazem pontes parasíticas entre elementos dos entrenós]: os produtores, os gestores, os protetores, os incentivadores, os q exigem, marcam atestam, desejam, ritualizam o real não é nada “governamental” [o “povo” é sua própria biopolítica, ou o “estado” é a resultante da política do “povo” pra fazer sua biopolítica]: quem comanda o horror é a massa, o “ritmo social das produções”, os cenários e o espetáculo: a padronização do consumismo há muito se

libertou da pretensão patética dos tutores de comandar e segue ela mesma comandando a festa: estado, mercado, governo e seus tentáculos apenas seguem aproveitando as produções como bons parasitas q são.

## ii

“Se este livro resultar incompreensível para alguém,  
ou dissonante aos seus ouvidos, a culpa, quero crer,  
não será necessariamente minha. Ele é bastante claro ...”

Genealogia da Moral  
Nietzsche

\*. os imediatos [“dimensões imaginárias” produzidas pela presença enquanto real, porisso preceptiva, comunicativa, sensitiva, relacional] produzido pelas presenças (máquinas contratuais nos entrenós, enquanto entrenós) é, em parte, a geração em “fluxo contínuo” não apenas das múltiplas atividades em devires, mas das produções dos imaginários temporalizados (passado, presente, futuro), tando todos eles projetados como força corporal (produções de manutenção e proteção, produções discursivas, narrativas, reprodutivas, de novas forças) “pra frente”, “adiante” – “na direção” do fluxo do dizer (falando, pensando, escrevendo, gesticulando, vendo, ouvindo, cheirando, tocando) enquanto ele some [e some assim q é produzido, ou realizado, posto em funcionamento]: suas forças se dão nas potências vivas dos programas q geram os imediatos, dando a ele a dimensão temporal [a invenção do tempo como condição de ação, de atividade: o tempo é produzido nas produções, nas atividades: não permite as atividades, não possibilita, não é um antes nem um subproduto, mas as próprias atividades enquanto efetivação]: o jogo, as regras do jogo, os “ritmos do passado” se precipitam no jogar “pra diante”, mas nos deixando a sensação precisa de algo antes, duma existência anterior, tornando o tempo não uma maneira de pensar uma maneira de viver, mas uma existência livre e independente: sem essas ilusões temporais (in-versão de devires) não se viveria, isto é, não se jogaria no ritmo necessário ao viver [o q seria impossível], mas pra compreender os imediatos, sua forma de existência, suas regras, práticas, condições, funcionamentos, relações é preciso abandonar os caminhos tradicionais.

\*. configurações de existência: os ritmos ativos, relacionais, vivos dos imediatos, sem antes ou depois, põe o existente e mantêm ele em sua expressiva fluidez [sempre teoria, conceito, noção, abertura imaginária de linguagem]: cada máquina contratual é construída, produzida, instalada, montada,

preparada pra ser um virtualizador, um produtor de relações, de realidades, de afetividades, de crenças e forças, de perene efetividade [toda atividade repetitiva, tornada norma, naturalizada cria o real]: um efetivador – criador e mantenedor do real: o universo é nossa colméia, nosso formigueiro, nosso cupinzeiro: produzido e mantido e protegido por nossas secreções, nosso corpo, nossas atividades, sendo produzidas por eles também num círculo vicioso inescapável e essencial.

\*. qualquer explicação da máquina tribal só pode ser tautológica [qualquer inquirição sobre o existente, a exterioridade, o universo diz sempre a própria máquina tribal], apenas remete a si mesma [a lógica é apenas uma espécie de oroboro q se usa pra se esconder e esconder sua im-potência]: os princípios de compreensão ou incompreensão, de produção, criação, atividades, crenças, advindo da máquina tribal são constitutivamente niilistas, reenviantes pro não só pro mesmo, pro campo de sua partida, de sua lógica, de seus poderes organizados gestando matérias, movimentos, relações, mas criando um "anel de moebius" [atômico ou galáctico, onírico ou afetivo, social, político ou econômico, histórico ou odontológico] onde temos sempre a sensação, a certeza de caminharmos, de encontrarmos o novo, o plus, o outro, a exterioridade: toda verdade, fato, coisa, experiência, conhecimento, exame, crítica, saber inescapavelmente só pode dizer respeito e encontrar a máquina tribal, os jogos dos entrenós, as máquinas contratuais e suas atividades.

\*. devir, ou devires como usamos aqui, não são os fluxos de forças, uma maneira de ser do “ser”, um substituto do “ser” ou uma “representação mais apurada do real”: devires é um conceito, uma idéia, uma noção q desmobiliza o “ser”, dilui a existência no fluir, mas um fluir nos imediatos, sem espessura a não ser imaginária (o tempo), o q quer dizer q esse fluir só pode advir em idéia, jamais em realidade [q ele nega: o real é o cenário, o aberto, o espacio-temporal, o histórico: planos imaginários de representação do inespesso do vivendo, dos imediatos, q não são temporais, mas vivenciais]: não há o “ser” ou o “devir”: só podemos dizer com cuidadosa propriedade os devires, mas sempre enquanto imaginários, nos discursos “sobre” os imediatos.

\*. retórica: isso é o passado, o futuro e grande parte da “matéria” q se desdobra enquanto imediatos: tudo só se estabelece no imaginário, e essa afirmação não passa de retóricas (parologens, algaravias): os programas, vivas atividades tornadas temporalizadores nos entrenós, são também ao se desdobrarem produzindo os imediatos, e até essa idéia, são retóricas: só não seria retórica o imediato mesmo, o imediato imóvel, o imediato do tempo, da matéria, da existência, o imediato metafísico, e tudo isso não passa de retórica.

\*. a formatação [instante depois do caos q jorra, quando se toma aquelas forças cruas e colocam aquilo na esteira de montagem dos afetos, das forças, ritualizadas pra produzir uma máquina contratual] é a instauração viva, móvel, múltipla de “planos de existência”: o q se abre, aprendeu a se abrir, o q abrindo se torna, o q se fecha, o q retorna, o q se refaz, o q se reproduz: os imediatos são o lugar teatralizado, fugaz, a impressão de existência.

\*. não se ama alguém separando paisagens, sons, cheiros, fatos: o q aciona o afeto, o desejo, as paixões, aquilo q é o afeto, é contratual e os ganhos do q se conquista, as alianças q se consegue, as novas posições, mais poder, mais potência, segurança: quanto mais territórios, mais paixões, desejos, afetos: os territórios conquistados se confundem com o próprio “indivíduo”, é algo q é ele, é vital, estratégico, não é separável, gratuito, sem importância.

\*. só “haveria a instantaneidade” e nossas maneiras de produzir ela, de lidar com ela, de articular ela com ela mesma: as “memórias”, “experiências”, a “cultura”, as “técnicas”, os programas máquina contratual, são imaginários vivos: presente, passado, futuro fazem parte desse imaginário, dessa criação desmedida q é a existência, o tempo, a vida: só “há a instantaneidade” e nem isso existe, porq também isso não passa de idéia (o q precisa de tempo pra se abrir: operações específicas da abertura no q não se abre): a máquina contratual são os “instantâneos” q se desdobram incessantemente criando o existente: não há a memória e a máquina contratual, a subjetividade e a máquina contratual, o universo e a máquina contratual: só há a máquina contratual, fina, sem densidade, sem tempo, espaço, matérias, sem órgãos, produzindo ela mesma, as outras q produziram ela e ao universo nos “instantâneos” das forças: mas a máquina contratual não são os “instantâneos”, o real não são os “instantâneos”: os “instantâneos” se apresentam como multidimensional (tempo, espaço, experiência, memória): são as triangulações dos entrenós, das máquinas contratuais, q abrem, desdobram as multidimensionalidades, todas imaginárias, lingüísticas, discursivas, retóricas, ficcionais: mas todas as potências dos “instantâneos”, todas as forças múltiplas dos imediatos em seus fluxos incessantes ta exatamente nessas ficções, nesses programas q produzem e consomem o existente na sua única forma de existência, devires (tudo inda assim idéias, densidades imaginárias, potências vivas dos imediatos).

\*. se posso apenas escolher as forças criativas, aquelas q singularizam e são de maior intensidade mesmo quando são em maior numero, separando elas das forças reativas (como se o reativo e o criativo tivesse separados), depois de viver elas, depois de aprender isso se torna uma “pedagogia” e, o pior, se escolho uma ou outras (e nada posso escolher!) não é por-mim, mas pelas energias das próprias forças: a escolha não é, em sentido estrito, uma escolha: seriam as intensidades das forças escolhidas q se sobrepuseram sobre as outras: e o escolher não pode ficar restrito ao criativo por serem

positivas, pois carregam negativas: o q somos em cada instante, criativo e reativo em medidas: a escolha remete a consciência, ao eu, a interioridade, a ficções tipicamente cristãs, de estruturas de punição, a mecanismos de torção das forças: sentir q são as forças q comandam as forças retira da singularidade sua responsabilidade: uma estética da existência não passa duma estética das forças fortes q venceram na sua vontade de expansão, de mais potência.

\*. os imediatos, fluxos hipertextuais, rizomas entre rizomas se re-produzindo, inapreensíveis, fazendo e se desfazendo, produzindo todas as produções e se desfazendo nesse fazer, não pode ser qualificado, valorizado, ontologicizado, avaliado: todas as questões, problemas, divisões, metafísicas e imanências, todas as densidades teóricas aparecendo enquanto real, é apenas “retóricas”, isto é, imaginários em delírios, desdobramentos imaginários nos imediatos, dobras imaginárias, teóricas, conceituais, operacionais q se abrem não imaginariamente mas “passam de um pro outro”, dum “imediato” pro “outro”, pelas atividades e triangulações vivas das máquinas contratuais já produzidas assim, sempre levando em conta as atividades imaginárias e seus desdobramentos q acompanham os desdobramentos das atividades nos se fazer e desfazer dos imediatos, q não são diferentes, nem opostos, nem outra coisa senão máquinas contratuais: a impressão do real advém dos imaginários, jamais do próprio imediato, q não se dá jamais a uma dureza, uma permanência, uma realidade, uma prova de permanência, de ser: as relações entre os imediatos e suas dobras imaginárias temporais, q inventamos duramente nas triangulações do viver os imediatos enquanto único viver, é o q temos pro pensamento, e o q temos como pensamento, o q se abre enquanto pensamento exatamente enquanto atividades trianguladas, “projetando” a “essência do pensamento”, q é “saber antes”, como uma ação viva, eficaz, potente, sendo isso q possibilita a inter-ferência, as modificações, mas nunca livre, sempre “condicionada pelas ordens” dos imaginários, a máquina tribal.

\*. não “há” a máquina tribal e o entrenós, ou nós e a máquina tribal: não “há” sequer nós ou a máquina tribal a não ser teoricamente: os imediatos são fluxos contínuos inapreensíveis, impensáveis exatamente por não ser, por não serem, por não poderem ser determináveis, por serem produzidos por todas as máquinas contratuais em atividades interligadas, trianguladas, produzindo matérias, formas, movimentos de todas as “espécies”: sua pensalidade só seria possível numa teoria do ser q adviesse do ser (toda estabilidade é sempre discursiva, lógica, ordeira, imobilizadora dos devires): os fluxos múltiplos não permitem apreensão intelectual, e até mesmo a “apreensão corporal” é tão fugaz, tão rápida, q viver é aceitar o violento fenecer do vivido e nisso e disso viver: a filosofia pode apenas criar conceitos q tentam compreender essas violências das forças se convencendo q suas palavras

são o real só o imóvel poderia ser e ser conhecido (isso continua a ser uma “verdade lógica”): os imediatos só poderiam ser do âmbito das crenças e das opiniões: duma maneira ou doutra, a perspectiva de platão, tornando pensar o real uma impossibilidade, só podendo ser pensado o e no “mundo das idéias, retorna cinicamente”: mudar, inter-ferir nos imediatos, revolucionar, pretender a liberdade, é trabalhar nos campos do imaginário; e pra inter-ferir nas formas, nas engrenagens, nas articulações, nos planos, valores, poderes, potências múltiplas dos imaginários [todos conceitos apenas possíveis pelas teatralizações trianguladas das máquinas contratuais] q jorra mantendo, produzindo desproduzindo os imediatos, o q quer dizer q apenas podemos fazer isso “segundo as leis”, “segundo as ordens” dos próprios imaginários: seguir as “linhas de forças”: o círculo vicioso se impõe: mudar o q já vem mudando, o q existe em mudança, o q exige mudança, é “chover no molhado”, não satisfaz nenhuma filosofia ou política q se pretendem sérias: pensar o imediato não é apenas compreender q os imaginários são atividades dos entrenós q produzem desproduzindo o real, mas entender a inespessura tanto dos imaginários, enquanto espessura imaginária, quanto da existência dos próprios imediatos, q não podem ser sequer falados q não sejam nas dimensões dos imaginários, sabendo q, com isso, não se separa imaginários e imediatos, mas q tratamos, imaginariamente, duma coisa só, q não existe, e q essa é sua “forma de existir”: atividades vivas das máquinas contratuais em devires teatralizados: o “trabalho do conceito” é uma das atividades dos imediatos [só pode ser aberto por fazer parte das atividades trianguladas q se abrem: não há conceito, idéias, noções, teorias, linguagens sem espaço tempo formas materialidades movimentos, o só são possíveis interdependentes produzidos pelas atividades trianguladas das máquinas contratuais]: as politicidades são condições dos trabalhos dos conceitos, mas ela só pode acontecer quando esses trabalhos se afastam ou saem da produção dum existente metafísico, quando não reproduz modelos fascistas, normóticos: os trabalhos dos conceitos exigem mais q a normose e o estado: sob a ótica das normoses e dos estados se cria apenas teorias de apoio, de defesa, de reprodução.

\*. compreender o real enquanto imediatos, atividades trianguladas das máquinas contratuais, é uma possibilidade de seguir a liberdade e a ação nova nos imediatos enquanto ações imaginárias, isto é, grande parte da ação é “determinada” nas bolhas imaginárias e segue suas “ordens e leis”, suas forças e ritmos: e q os problemas filosóficos não passam do q são, “problemas filosóficos”: o “ser e suas categorias” não existem a não ser nessas bolhas imaginárias, normalmente impotentes nos imediatos: os devires enquanto forças temporalizadas, os valores – e tudo o mais não passam de fluxos nas bolhas imaginárias q não se tornam nos imediatos senão flatus vocis.

\*. os imediatos, as realidades, são incessantes fluxos de temporalizadores [devires não são “naturais”, não são independentes das atividades vivas das máquinas contratuais] q aparecem e somem, se realizam, se consomem (presenças e atividades vivas de máquinas contratuais em triangulações ativas): cada “ponto” são as produções de infinitos “mecanismos”, “programas”, “ordens”, “bombas relógio”, “despertadores”, “molas”, atividades produzidas em vários imediatos pra funcionarem “depois”: o “resultado” são as máquinas contratuais, o mundo como cada máquina contratual constrói, cria, produz percepção, interage a existência: “pontos” q “surgem” e “somem” sem ser nem poder ser [apenas um elemento lingüístico inescapável, mas q deve ser desconsiderado enquanto unidade, imobilidade, sentido]: sendo apenas no imaginário, q é mantido em cada imediato como “condição de vida”, de maior vida, de vida mais forte, como produtores dos “mesmos” mecanismos de produção dos imediatos: os imaginários são, assim como as máquinas contratuais, múltiplas, abertas, multidimensionais, cabendo tudo, sendo qualquer sistema, qualquer crença, qualquer estrutura, quaisquer fluxos ou imobilidades: assim como os imediatos, neles cabem tudo e nada são: apenas fluíres temporalizados, fluíres q passam pelas máquinas contratuais, pelos seus entrenós: os imediatos nem são nem não são: são produções de todos os imaginários, todas as máquinas contratuais em redes de atividades, de potencias e intensidades q não chega a ser ou a não ser: os imediatos, os pontos dos imediatos historicizados ou geograficizados não são os imediatos, mas dimensões dos imaginários reificadas: imediatos são o q se apresentam sem ser, sem planos, sem sentidos: puro jorrar produzido pelas máquinas contratuais em atividades: os imaginários são relações vivas, geradores de novos e os mesmos temporalizadores, virtualizadores q se produzirão “depois”.

\*. nos imediatos não há um “trabalho do negativo”, uma força das contradições, um conflito energético q empurre um imediato pra se tornar outro, planos contra planos: essa é uma dialética cristã, messiânica, burguesa, capitalista, temerosa das forças trianguladas, teatralizadas das próprias máquinas contratuais: as atividades das máquinas contratuais são puras positivities de produção, as verdadeiras forças de produção do real: os “trabalhos do negativo” são doenças dos imaginários q atingem as máquinas contratuais reativas, empanzinadas de forças q atingem os imediatos e, normalmente, são mais perigosas do q aquilo q tentam falsamente curar: os “trabalhos do negativo” são doenças dos imaginários e, por isso mesmo, podem produzir imediatos, assim como as positivities produzem o real.

iii

“Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’.”

Genealogia da Moral, III, §12

Nietzsche

\*. o imediato, descarnado, redes vivas de devires em atividade de temporalizados fazendo e desfazendo o existente, não é mais fundamentos por dimensões imaginárias onde havia deus, natureza, sociedade, mundo, história, soberanos e homens, pontos de vista racionais, tempo e espaço: atividades de relações de forças sem o apoio metafísico das esperanças, liberdades, autonomias, podendo fazer revoluções, mudar o rumo e se tornar senhor de si mesmo, quando não há nem mesmo si mesmo, sujeito, eu, interioridade: onde o ponto de partida familiar, a família, não de encruzilhadas de forças do capital, do estado, do trabalho, da fábrica, da escola, das produções reprodutivas de máquinas contratuais, passagens de expropriações, acumulações, interesses, forças q se ligam a todas as concentrações de forças docilizadoras, produtivas, protetoras das manadas: forças tristes, reativas, pesadas fluem em todas as direções.

\*. as máquinas contratuais, produzidas por outras máquinas contratuais (o entrenós), aos poucos começam a cuidar de si mesmo, a proteger a formação, a normose q produziu elas: cada máquina contratual é um novelo virtual onde muitas redes encontram apoio, potência, revitalização sem ser insubstituível.

\*. os sentimentos, as paixões, os desejos, as vontades descarnadas das suas polpas imaginárias operacionais, não passam de “forças-por-mais-forças”: mas essas potências na luta por mais potências precisam de peles e carnes q esconda esse mecanismo, muitas vezes dizendo, imaginando o contrário: o q move é força incorporando forças, se aliando, produzindo contratos de todas as formas pra mais potencia: as carnosidades imaginárias não são dispensáveis, inúteis ilusões, mas condições de realização: são também forças poderosas de camuflagem, de mimetismo, de atividades concentradas, de materiais fortes o suficiente pra realizarem a luta por mais forças e, ao mesmo tempo, iludirem, integrarem as máquinas contratuais, gerando o q produzem elas, o q faz com q defendam e reproduzam a si mesmo como máquina contratual, os entrenós e a máquina tribal: potencia de integração e atividades das máquinas de máquinas contratuais em seus rituais.

\*. a realidade, o passado, o cosmo, espaço e tempo, só existem numa reconstrução q é uma construção discursiva, imaginária: o real é esse imaginário em devires, práticas, regularidade produzindo as sensações do ser, o estável, do normal: todo existente se produz e se dissolve no imediato, q também só pode ser conceitual: o imediato são todos os temporalizadores das maquinas contratuais em funcionamento, na pratica produtora do existente: a multiplicidade dos temporalizadores em quanto relações de forças em relações com outras relações de forças produz o “novo” o “estranho”, a necessária modificação da maquina tribal.

\*. a política não é uma dimensão “externa” “interna” das relações de forças: a política é a grande atividade de produção, docilização das maquinas contratuais: as maquinas contratuais não são os “dominados”, mas aqueles q criam, reproduzem e servem sua própria criação, os “dominantes”: quem conduz os “dominantes” são os “dominados” e todos fazem parte das forças gerais da maquina tribal: a política não é base de avaliação, de crítica, mas de deformação das relações de forças, de administração, de formatação, formatação dos poderes da maquina tribal: atividade profunda de múltiplas relações de forças q fazem funcionar docilmente a maquina tribal: manuseio, manipulação, montagem, cuidado, cura, limpeza, adoecimento, fortalecimento, administração da manadas, dos entrenós, das maquinas contratuais: controle generalizado produzido pelas atividades das maquinas contratuais: nem essa atividade, ou o “trabalho”, podem ser “pontos de partida”: potencias de modelagem de atividade, de vida: a “existência” é o aparecimento (imediato) dessas potencias de modelagem em suas formas, atividades, normas, crenças: por isso é possível uma história e uma História, uma historicidade: essa potencia de modelagem quer, deseja, precisa se apresentar enquanto tempo, poder, estado, família, governo, tecnologia, pedagogia, mas essa potencia é produzida e produz as maquinas contratuais: a potencia q se multiplica nas atividades dos entrenós da maquina tribal: as manadas não são manipuladas a nada: elas mesmo produzem a si mesmas, produzem as sujeições, as crenças necessárias a produzir todas as produções, todas as defesas: não são poderes “externos” nem “internos”, mas as próprias manadas: todas as formas de “grandes poderes” jorram, se multiplicam, das atividades produtivas dos entrenós produzindo as produções, produzindo maquinas contratuais.

\*. os “modelos” de formigueiro, colméia, cupinzeiro se aproximam muito mais da noção de maquina tribal q a noção de “sociedade”, mas assim mesmo apenas como aproximação, pois todos os conceitos, noções, idéias, pensamentos q podemos usar, e nós mesmos e tudo ao redor, fazem parte constitutiva da maquina tribal: logo entrevista, pressentida, se transtorna em “conceito”, em “imaginário”, em “mentalidades”, em “momentos históricos”, em “linguagem”.

\*. as maquinas contratuais não são “históricas” não se historicizam, não estão “dentro da história”, não são nem “atores” nem “autores” da História: essa dimensão imaginária é umas das suas maneiras de explicar as mudanças de suas próprias operacionalidades nos entrenós da maquina tribal: técnicas, tecnologias, pedagogias, teologias, mídias, senso comum, saberes operacionais envolvidos em produzir maquinas contratuais operacionais, devires sempre amarrados em funcionamentos: o formigueiro maquina tribal não é histórico, mas a historicidade serve de ilusão, assim como a politicidade: esses dois “conceitos” deixam escapar forças, potencias determinantes, operativas, q precisam da “história” e da “política”, assim como de todos os saberes, e praticas, pra se porem a funcionar sendo a “explicação” desses saberes suficientes pra darem conta seja das maquinas contratuais, seja da maquina tribal: todos os conceitos as saberes, noções parecem muito mais camuflagem pontuais, q enfrentamentos do “cupinzeiro” e seus viventes: o “sentido histórico” e a “política” não são mais q as “nossas teologias”:

\*. desmontagem das maquinas contratuais e suas reações e linhas de forças, seus nódulos, suas tendências – sem crítica, mas prolongando, acelerando todos os movimentos, formas, configurações dos seus conglomerados ou solidões: acelerar o monstruoso do monstro, o horror q é mais horror no horror: o horror q não se deixa ver, perceber, mas lateja e a qualquer hora jorrará como normalidade: desmontar as forças dessas configurações ainda em tensão, ab ovo: desmontam as efetivas relações de poder e as linhas de forças q nascerão daí.

\*. circuito de autoreferencia – circulo vicioso – fluxo contínuo: todos os conceitos, formas, experiências, vivencias, planos, valores, velocidades se relacionam, se suportam, se apóiam, remetem pra outro, pulam de andar, mas sempre na maquina tribal, nos imediatos, nas atividades, nas práticas: todos os imediatos são positivities em ação, sem resto negativo, sem um antes “realmente existente”, equivalente ao imediato agora ou ao imediato depois: os temporalizadores agem agora, plenamente, em relações q geram o agora, as mudanças, mas sem “origem”, sem “metas”, “finalidades”: não há nada pra ser completado no agora: ele se realiza inteiro, pleno sem “tender a um mundo melhor”, sem precisar de “outra verdade”: a maquina tribal é o delírio geral, a totalidade negativa, deus, sociedade, história, religião, poder, redes imaginárias, relações objetivas de poderes, as produções de maquinas contratuais e suas relações, imaginárias q produzem o “geral” enquanto “singularidades” mas esse “geral” são forças das maquinas contratuais nos imediatos, fantasmas q se multiplicam em forças fantasmas produzindo as produções e a própria imagem força fantasma maquina tribal enquanto totalidades, generalidades: sem plano, sem planos, sem vontades, consciências: relações de forças sem a presença fantasma q acredita e sente mas existe apenas enquanto força fantasma entrenós: as atividades plenas das maquinas contratuais em seus constitutivos entrenós e completa

positividade q se efetiva e se desefetiva nos imediatos produzindo em ação temporalizadores q serão imediatos, mas q agora são apenas possibilidades imaginárias, não uma falta: não há o “trabalho do negativo” de hegel, mas a radical positividade de espinosa e nietzsche.

\*. maquina tribal não é nenhuma origem, nem única, nem múltipla ou identidade ou horizonte, mas é a soma das multiplicidades nem a objetividade de devires dos imediatos, muito menos seus próprios conceitos explicativos: mas uma maneira de compreender os devires em suas multiplicidades, os fluxos nos imediatos: uma soma de multiplicidades, de singularidades de cada imediato, não teríamos uma “maquina tribal” mas o “fim do programa”: no “fim”, “depois do limite”, apenas os delírios da maquina tribal em suas maquinas contratuais: por isso a maquina tribal não tá dentro nem fora das maquinas contratuais em seus imediatos: ela é uma noção pra tentar “dar conta” dessa criação produção destruição dos imediatos enquanto real, buscando as possibilidades de “liberdade”, de “resistência”, de “compreensão”: como viver e agir em “tal mundo”: como atingir os “pontos de mutação” de maquina contratuais, entrenós, formatações: como podemos surfar melhor nas ondas dos devires dos imediatos?: a aproximação com espinosa é pra nos mostrar como agimos como uma “maquina de guerra”, uma substância, um deus, uma sociedade, um homem, quando tudo isso não passa de potente crenças dos entrenós em atividades, delírios muitas vezes perigosos e quase sempre patéticos porque escondem as forças, as linhas vivas de forças q são ativas nos imediatos, nos escondendo e se curvando a nossas próprias forças em atuações: pra viver, e vivermos assim, produzimos as forças q jorram em imediatos e só assim ferimos, interferimos, criamos, criamos grades e redes provisórias de valores, desejos, belezas, prazeres, movimentos: a noção de maquina tribal nos coloca diante dos seus conceitos constitutivos como caos, imediato, maquina contratual, formatação, devires, niilismo, enfim, diante das “singularidades” do imediato produzido por nós e q exatamente por isso podemos avaliar o quanto de liberdade, de autonomia, de força temos além das produções “determinadas” pelos produções, o quanto e como podemos mudar, interferir nossa própria “realidade”: só não podemos perder de vista q essa valoração, essa liberdade, fazem parte inextirpável da “maquina tribal”.

\*. “maquina tribal” não é um a priori, assim como não é uma “realidade” (pois só temos imediatos de maquinas contratuais, suas relações de forças, mas potencia em redes de devires q são os entrenós – e no imediato só há atividades imaginarias q cada maquina contratual considera o “real”, as verdades), não é “a sociedade” ou “a história” muito menos “a natureza”: maquina tribal é ponto de partida e ponto de chegada, necessário circulo vicioso pra não continuar nas esgotadas metafísicas: o imediato nos fluxos das suas produções-destruições esse quase nada q é tudo – é a nossa

“dimensão”, nossa “matéria” nossa possibilidade de atuação, nosso “solo” onde produzimos nossas redes: maquina tribal é o fantasma das forças presentes nas atividades dos entrenós, fantasma q toma a “forma” de cada maquina contratual.

\*. a “natureza das coisas”, q segundo os cétricos não pode ser conhecida e seguindo ciência e filosofia pode, é essencialmente produzida pelas múltiplas atividades das maquinas contratuais: como sua “forma de existência” é jorrar no imediato, o q mantém ela enquanto “coisa” e “natureza” faz parte daquelas infinitas atividades imaginarias q formam as tensões dos imediatos q se ativam e somem, q “existem” antes de tudo enquanto “ente de razão”: essas atividades não mais mistas, produzidas pelas produções dos entrenós, aparecem como “forças misteriosas”, o que-não-pode-ser-conhecido: a “incognoscibilidade” ou “cognoscibilidade” é sempre “visibilidade” ou não de “algo”: ser ou não “determinado” depende de se manipular ou não as relações de forças q são a “coisa”: dizer ou não o q algo é é sempre parte dos círculos de forças das atividades dos entrenós nos imediatos: como muito pouco ou quase nada “aparece”, ou as forças totais implicadas são impossíveis de serem avaliadas, conhecidas ou domesticadas, grande parte parece estar num mistério ou reduzida ao simples aparecer, esse q por não haver um “antes”, um “dentro”, algo como “aparência e realidade”, é puro “ente de razão”, ou melhor, é o vivido no vivendo, sem haver “as coisas tais como são” e as “coisas como aparecem”: de qualquer maneira algo só pode ser teoricamente enfrentado no mundo da teoria, nas temporalidades narrativas do imaginário, q se produz nos imediatos, sem q sejam fenômenos pois não há nenhum nómeno a não ser enquanto imaginários em luta, em ex-pressão.

\*. a noção de maquina tribal (assim como das suas alegorias como deus, sociedade, absoluto, etc.) é simples objetivo, advindo do nosso corpo enquanto maquina contratual, das nossas experiências e vivências, das nossas relações de forças: nada é mais evidente q a maquina tribal.

\*. o imediato se ex-poe como absoluta exterioridade: as atividades em relação, em teatro das maquinas contratuais dos entrenós: não há diferença, espaço entre essa exterioridade e o imediato: não existem separados nem em si: posições, relações, atividades, forças são o existente: toda forma, toda presença, são relações de forças, diferenças de forças, potencias, intensidades: não há “o ser do sensível”, mas jorro de intensidades q só podem ser pensadas, vividas porque não é ser: os sentidos são produzidos pela maquinas contratuais em novas maquinas contratuais, pela manipulação ampla das intensidades das relações de forças, atividades produtoras do existente q são maquina contratuais em relações: o sensível, pra ser sentido, precisa ser produzido por maquinas contratuais em entrenós q produzem uma maquina contratual e seus sentidos aptos pra sentirem: espaço, tempo, movimento, são constitutivos das atividades dos entrenós: os atributos, as faculdades não existem fora, antes, depois dentro dos entrenós, mas em suas atividades,

produções: isso a existência, o existente: sem as circularidades, os ritmos, os rituais em produtividades das máquinas contratuais, produzindo as produções e a si mesmo nos entrenós, exercendo suas forças, não podemos compreender a máquina tribal: nada é transcendente q é o imediato em seus devires desconectados (conectados apenas pelo pensamento q tenha se tornado apto a articular de diferentes maneiras: é nos imaginários q a uma transcendência do imediato, das atividades): isso q pensa, q produz conceitos idéias, experiências, é produzido e consumido no imediato pelo imediato: qualquer separação de forças, de intensidades, de relações, de quantidades ou qualidades se dá nos imediatos das atividades e só pode ser pensado nesse plasma vivo de ações enquanto imediatos: não é antes ou fora as condições de produção dos imediatos, mas ele mesmo, os entrenós das máquinas contratuais: o existe dos entrenós – máquinas contratuais só produzem as distinções, separações, as formas, as percepções, as individuações, nos imediatos das atividades, nas atividades produtoras de intensidade, relações de força, potências múltiplas, diferentes em ações: assim funciona a máquina tribal.

\*. não há “pensamento” e as máquinas contratuais, “a sensibilidade” e as máquinas contratuais, os “sentidos” e as máquinas contratuais, não há “o mundo”, “a exterioridade”, “a interioridade” e máquinas contratuais em seus entrenós e suas atividades.

\*. as máquinas contratuais não tem o pensamento como um órgão: pensamento são atividades de encontro e desencontro q não excluem os perigos, os terrores, as necessidades, as relações, os confrontos, o q força o sobrepujar: não é uma faculdade como uma parte-de, mas relações de forças contra, conflito confronto: não é pensar-sobre, pensar fraco ligado aos exercícios dos sentidos comuns da “linguagem”, da “comunicação”, dos mecanismos, dos instrumentos de imposição, adestramento: a sensibilidade exposta, desperta, excitada, em perigo num encontro de intensidades violentas se torna pensamento, filetes de sensibilidade adensada, usando a si mesma, a linguagem, a máquina contratual como um todo, deslocando com força as relações, provocando saltos de qualidade, de diferenças de mais e mais rápidas multiplicidades: pensar é saltar o abismo aberto, são os momentos dos saltos: o pensar mnemônico, racional, pedagógico, é apenas linguagem podre, máquina contratual fraca, dócil: nesse salto violento não há nenhuma transcendência, mas enfrentamento, confronto: uma máquina contratual levada ao limite (o máximo de suas forças), o máximo de potência em luta: por isso não se pode pensar-sobre, mas o pensamento é sempre um pensar-contra.

\*. tudo o q pode ser dito, ser visto, sentido ex-posto ou não em determinado momento se liga diretamente as relações de forças, o q as intensidades abrem ou fecham, organizam difundem delimitam, integra ou desintegra, sempre na medida dos entrenós de cada máquina contratual: não há um geral,

um universal, um natural, um histórico ou social, mas posição de específica máquina contratual em relação com outras máquinas contratuais, aquilo q fortalece ou enfraquece ela: dizer ou não dizer, ver ou não, pensar ou não se ligar ao mais ou menos potencia: o q me enfraquece em determinada configuração não vejo, não posso ver, ouvir, compreender, falar: só há comunicação quando compartilho as forças do outro: e todas essas relações, forças, potencias, intensidades, devires, não esquecer jamais, são conceitos, noções, posições teóricas, perspectivas imaginarias: não acontecem no “solo” dos imediatos mas são “narrativas” de enfrentamento filosófico:

\*. apenas percebemos, pensamos, sentimos “através das idéias de deus”: fora dos entrenós da máquina tribal não há nem o real nem o imaginário: as experiências ilimitadas “é” a máquina tribal.

\*. discernir como um “circuito conceito” e “práticas” se tornaram, genealogicamente, conceitos, saberes, poderes – se tornaram realidade e verdade: como se inscreveram num “natural”, num “universal”, no “normal”: como foi inscrito como real aquilo q não existe a não ser enquanto “dispositivo”: como um a priori, um já conhecido, algo q se estende a “todos os lugares e tempos”: buscar as regras q faz o certo e o errado, o verdadeiro e o falso de “algo”.

\*. os entrenós são produções de regularidades, ritmos, repetições ao mesmo tempo q diferenças, contrarritmos, contrasenhos mas sem o time dos temporalizadores (universalizados e naturalizados, historicizados e socializados) os imediatos não flocariam e nem desflocariam naquilo q entendemos, vivemos e pensamos, como realidade: só o q é real, objetivo, vivido (os imediatos) é ativamente modificável: mas não há os imediatos sem as produções de temporalizadores e sem a impressão temporal das linguagens.

\*. máquina tribal é como a substância, a causa-sui de espinosa, existe em atividades como efeito de si mesmo numa autorealização e autoatualização constantes, produzindo constantemente por ser uma potencia ativa: a existência, os imediatos são atividades:.

\*. partir da máquina tribal é recusar traçar linhas divisórias entre coisas, como natureza e cultura, fato e linguagem, cada uma das máquinas contratuais e os entrenós, os entrenós e a máquina tribal, entre as palavras e as coisas, antes e depois, causas e efeitos, matérias e essências: nossas atividades se dão em imediatos de devires, de temporalizadores em atividade sem fim: pra algo ser pensado precisamos torcer, abrir desdobrar imaginariamente esses imediatos e falar, pensar: tornarmos devires em temporalizadores com nossas atividades: ritualizamos forças, intensidades, potencias e pra

darmos conta disso utilizamos todos os tipos de temporalizadores: e há temporalizadores q existem pra dar a impressão de tratarem das coisas mesmo, do real pleno, da realidade, q mesmo mutando de um agora ao outro, q haja o ser, a coisa, o imóvel, a realidade: e nada nos imaginários pode dizer nada como realmente é ou não é: eles podem apenas dizer seus rituais de sentido, suas tribos de sentidos e sinais, suas formações imaginarias, fantasmas q proclamam ser reais, reproduções, representações: a noção de maquina tribal não é uma existência, campos do existente, uma tribo, a totalidade, mas noção útil pra compreender, fazer compreender, abrir o entendimento de q tudo isso é impossível: podemos apenas usar as forças teóricas dessa noção pra atingirmos mais forças, não pra chegar ao “fim das forças”: nada menos “tribo” q maquina tribal, q no fundo é uma tentativa de enfrentar nos imediatos seus devires e, com esse enfrentamento, tentar o impossível, q é compreender os jorros de devires q os imediatos fazem explodir.

\*. a maquina tribal enquanto “sociedade”, “grupos”, “famílias”, “opinião”, os entrenós, produz “indivíduos” “singularidade” “ideias práticas”, “regras de conduta” q se tornam corpos, funções personas, crenças, vidas: o q diverge racionalmente é eliminado, o q não serve é dissolvido: todas as atividades são rítmicas, repetidas plasmando formas, existências, modelos, clones, manadas, forças regulares de produção.

\*. a maquina não pode ser pensada em termos de História: devires, produções de temporalizadores em fluxos de atividades, intensidades, forças aparecendo “o real”, “o imediato”, “o tempo”, “a sociedade”: não tempo em sucessão, mas fluxos de devires enquanto atividades das maquinas contratuais: a história é uma das “maneiras de pensar” da maquina tribal em seus momentos capitalistas: nem pode ser pensada em termos de espaço, de volumes, de dimensionalidades: são conceitos, maneiras de “pensar” da maquina tribal em seus momentos capitalistas: nem pode ser pensada em termos de espaço, de volume, de dimensionalidade: são conceitos, maneiras de pensar, de tentar enfrentar o imediato: as atividades q produzem os imediatos configura o pensamento sobre ele: as triangulações ente a maquina contratual produz espaço e seus fluxos produz movimento e cada elemento desses se tornam condições do pensamento, inescapáveis do viver e do pensar, q se abre apenas enquanto pensamento quando exerce teatralmente o vivido, os imediatos: nesse momento o pensamento afirma ser o pensar sobre algo, quando não passa de exercício de pensar.

\*. o “plano de imanência” só pode ser sistemas, redes vivas de atividades – os imediatos: tudo nele se desdobra pelas atividades: devires múltiplos, fluxos de atualização de temporalizadores criando o real, o tempo, o pensamento, os campos vivo dos imaginários q jorrando, nunca se tornando, são os vividos, os concretos, os efetivos: transcendências, imanências, volumes, sucessão de tempos são efeitos intensos temporalizadores produzindo o

real: todo pensamento exige “o tempo”, “o espaço”, “os movimentos”, “as formas” pra poder se efetuar, isto é, precisa das dimensões imaginárias dos imediatos, o q se abre em e por temporalizadores produzidos pelas máquinas contratuais em suas triangulações essenciais: “dentro e fora” são movimentos dessas triangulações: sem as teatralizações não há o “real e o imaginário”.

\*. espinosa, como praticamente todos os filósofos, parece esquecer q seu “sistema” inteiro não passa de lógica fundada em lógica, idéia sobre idéia: a substância de espinosa, e isso é tudo, nada mais é q uma idéia, um “ente de razão”: e todos esses entes de razão, de uma maneira ou de outra carregam o esquecimento disso e parecem substituir ou representar ou explicar algo-existente-mesmo-fora-das-ideias: a filosofia se abisma em si e esquece sua forma de existência, sua maneira de existir: as produções contínuas de temporalizadores e suas plenas realizações nos imediatos nos dá a sensação de uma correlação entre pensamento, imaginários, e os imediatos, sem perceber q essa é uma operação q esvazia os imediatos de sua produção, isto é, dos seus devires pra se enquadrarem nos esquemas principalmente de uma razão q não passa de temporalizadores específicos dos imediatos, e não algo transcendente q possa compreendê-los em sua medida, o q é impossível, ou melhor, o q é feito perfeitamente pelas atividades vivas e cruas perenemente produzidos por si mesmas: o pensamento, não a razão (que é pensamento em baixa intensidade), não se separa dessas atividades, dos corpos, das máquinas contratuais em suas relações totais e não pode ser menos q atividades em atividades, produzido produtor de atividades, corpos em relação: pensamento é intuição, aguçamento de temporalizadores, violência e rapidez de percepções, sensações, relações de forças, intensidades q se abrem de repente unindo separados ou separando juntos: não é capaz de dizer o tempo, q não passa de imaginários, nem de explicar nada: suas funções são ativas, explosivas, corporais, atividades das próprias máquinas contratuais, em nada separado ou sistematizável: dizer isso aqui não é pensar, mas cair no perigo da razão enquanto ventríloquo de um “pensamento” a razão precisa ser atingida pelos imediatos, pelos corpos, purgada de seus excessos, sua loucura de ordem, sua demência nazista: a razão, normalmente, é o excesso, o além dos imediatos, quando quer faz as vezes desses imediatos, quer explicar além deles, se tornando, pateticamente, impossivelmente transcendente (um delírio como o imanente, dos imaginários): ciência é produção ativa de relações de temporalizadores, uma série de atividades corporais, dos imediatos por imediatos: quando extrapola isso se torna razão, delírio, transcendência intumescida, patéticas: as filosofias quando são racionais, esquecem sua condição de trabalho, q é com imaginários, temporalizadores q nada podem explicar (o definitivo), mas delirar, deslizar fatias de imaginários fazendo as vezes do pensamento entupido de razão, de conceitos: e preciso avaliar q forças cada “atividade” dessas põe em ação quem quer o que, o q isso fortalece, fortalece quem e porque: a fuga dos imediatos e suas produções de temporalizadores, e ao mesmo tempo fulgor de temporalizadores se queimando em devires, diz muito das forças de “razões” e

“justamentos” e seus detentores, q muitas vezes partem ou usam os imediatos, os corpos, no meio de seus raciocínios, mas terminam em absolutos, em universais, em naturalizações, e os imediatos se tornam apenas “elementos” de comprovação, de espelhamento, rapidamente superados.

\*. temporalizadores são afetos, relações de afetos, forças, intensidades repetidas q se tornaram forma, crença, atividades; eles são produzidos pelas maquinas contratuais, q são redes vivas de temporalizadores, pra produzir elas mesmas e produzem o “mundo”: o conceito de maquina contratual é mais amplo q o de “corpo”, q é uma ficção, uma estratégia das forças das maquinas contratuais: as relações e jogos de forças das maquinas contratuais são mais amplas q elas mesmas, não se enquadrando o “corpo”:

\*. a maquina tribal seriam todos os jogos de forças, todas as atividades, imaginários, imediatos de todas as maquinas contratuais em seus fluxos de entrens: seria, porque não é: não é um ser, um campo, uma historia, uma geografia, uma identidade, mas exatamente uma noção q tenta compreender o imaginário conjunto das forças em suas relações, jogos, atividades produtivas: nem ser nem devires enquanto contraponto mas jogos de forças produzidos pelas maquinas contratuais produzidas por jogos de força: tudo em atividades nos imediatos, imediatos q são atividades: não “sendo e não-sendo”: nem um nem o outro: todo dizível é abertura dos campos do imaginário: a efetividade é indizível enquanto imediatos: maquina tribal, mar de forças, mar de atividades, sem se poder nenhum onda nenhuma cristação, onde todos os seres são eles e ele é inominável fora das noções, dos conceitos, das teorias: não há por baixo, por trás, acima, dentro, além: maquina tribal é noção de enfrentamento dos imediatos naquilo q deve ser aberto neles, imaginários, sem perder isso: esse enfrentamento pode atingir os imediatos por criar temporalizadores, mas sempre na medida das forças e temporalizadores dos imediatos: esse enfrentamento faz parte constitutiva dos imediatos: a maquina tribal acontece na medida das atividades, isto é, nas atividades produtoras de si mesma e de tudo mais: qualquer analise pensamento, se faz nos jogos vivos imediato dos fluxos: a abertura necessária a qualquer linguagem só é possível porque a efetividade, os imediatos são fluxos, jogos, múltiplas linhas de forças; não há suporte dos imaginários como não há fundamento dos imediatos, mas fogo vivo de forças, atividades de maquinas contratuais: não há “o aberto”, os imediatos “e”as forças em teceres, em lutas, em jogos: atividades produzindo atividades sem forma, sujeitos, matérias, tempos, espaços, razões: o aparecer, a materialidade, são relações de forças, maneiras de agirmos e entendermos as atividades: as formas, os sentidos, são estratégias de tessitura das forças ao se tecerem: seus apareceres não são outra “coisa” ou uma “coisa”, um “eu”, mas atividades em jogos, as próprias forças, ou as próprias atividades gerando atividades: a “totalidade” conceitual, imaginaria, ficcional das forças pode ser chamada deus, substância, universo, vontade de potencia, maquina tribal, mas não há

partes ou todo, causa ou efeito, centro ou borda, mas forças em atividades produzindo atividades em atividades: atividades atuando sobre e entre atividades, não sobre um universo, uma sociedade, uma matéria, por sujeitos: os “substratos” são as próprias atividades enquanto jogos, relações, lutas de forças: sem a presença em luta, em relações, em exposição, não há exterioridade, não há ambiente, natureza, sociedade: atividades forças em relações sempre vivas ativas atuando nos imediatos sempre sobre si mesmas, isto é a exterioridade, a materialidade são a própria atividades em presença, redes de máquinas contratuais triangulando vitalmente espaço-tempo, forma-movimento, matéria-energia, leis-crenças, igualdade-diferença, parte-todo, sujeito-objeto.

#### iv

\*. toda “substancialidade” (matéria, objetos, sujeitos, coisas, entes) assim como todas as “espiritualidades” (alma, espírito consciência, razão) não passam de temporalizadores conceituais q fazem parte constitutiva do feixe de temporalizadores q são as máquinas contratuais: assim como todas as “existências” (universo, mundo, natureza, sociedade, humanidade, história) não passam de conceitos-crença, temporalizadores perversos de integração, defesa, reprodutibilidade: sem “mundo” [ser e devir ou ser ou devir] os imediatos são feixes, relações, produções de devires, ritmos de produções, teatralizações, triangulações, articulações de devires produzidas pelas máquinas contratuais em relações, são temporalizadores: se não há mundo com telos ou arché, os temporalizadores não podem ser produzidos sem fins, metas, funções, origem, razões, sentidos: a repetibilidade e crenças e atividades de suas produções produzem os devires e eles são essas atividades, e nada mais.

\*. não há um “acaso do encontro das forças”: os devires não são naturais, algo jorra das atividades produtoras dos imediatos: devires são essas produções ordenadas, organizadas, repetitivas produzindo diferenças e repetições, novos e velhos temporalizadores, espaços, tempos, matérias, formas, movimentos e relações: as metafísicas não são enganos, mas constitutivas das atividades: os devires só funcionam porque são metafísicos: assim, enquanto as singularidades dos devires podem ser “percebidas”, “agidas”, os devires não podem ser “apreendidos”, a totalidade das relações de forças, a máquina tribal: não vendo naturais, os devires são constitutivos das máquinas contratuais em suas atividades: não há as máquinas contratuais e os devires, não há universo e máquina contratual: o “devir” não passa de uma máscara do “ser”, pois ele mantém a separação entre máquina contratual e a existência: os devires enquanto fluxos relacionais de máquina contratual podem ser compreendidos e modificados porque são as próprias máquinas

contratuais: não há perspectivas, crenças, razões, lógicas fora da máquina tribal: um antropocentrismo não passa de sistemas de crenças, conceitos próprios da máquina tribal, e toma muitas formas: sua deformação consiste em esquecer q é apenas a expressão de uma construção das máquinas contratuais, o “homem”, q não passa das máquinas contratuais no “mundo do capital”.

\*. as atividades são produzidas por retornos, repetições, ordens, ordenamentos, dispositivos, temporalizadores das máquinas contratuais: por isso sua possível previsibilidade, seu funcionamento, operacionalidade, repetição, programabilidade: meios e fins fazem parte dos devires, q não são inocentes, mas manipulações “objetivas”, “concretas”, “reais”, daí se poder realizar, se repetir, se formar linguagens rituais, trabalhos, ações, mesmo sem se poder garantir ou ligar teleologicamente o q as forças tecem pra “acontecer” e o “acontecer”, pois sempre novas forças se entrelaçam produzindo diferenças, passagens, outras ligações: sem a produção regrada de temporalizadores os devires não seriam “atividades operativas”, “utilidades vitais”, “possibilidades”, “formas”, “movimentos”, “vida”, algo compreensível: sua inteligibilidade, isto é, a inteligibilidade, utilidade e operacionabilidade do existente só é possível por fazer parte das relações de forças, dos eixos de temporalizadores q são as máquinas contratuais, e isso tudo não passa dos devires dos imediatos, q só são imediatos pela operacionalidade constitutiva dos devires, se não seria “o imediato”: o q faz a “passagem” de “um” imediato a “outro” são as atividades trianguladas (espaço, tempo, movimento, materialidade, relações) das máquinas contratuais: a mesma coisa com as linguagens: não há as atividades trianguladas das máquinas contratuais e “outra coisa”: as próprias máquinas contratuais não passam de atividades trianguladas: as diferenças, multiplicidades, “liberdades” se inscrevem nas próprias atividades trianguladas: o fino fio das “liberdade” só são possíveis nas atividades, pelas atividades, com as atividades trianguladas dos feixes de temporalizadores máquinas contratuais: as “liberdades” são operacionais nos devires, não “acazos” ou “conquistas”, mas produzidas pelas próprias atividades como parte delas e de suas “condições” e “fins”, “meios” e “princípios”: “liberdades”, “autonomias” não são entes especiais, mas partes práticas, úteis, necessárias das atividades máquinas contratuais: não são apenas conceitos, ficções, mas condições gerais das atividades das máquinas contratuais: nada “especial”, mas condições de produção, operacionalidade e utilidade: não são “estados a se chegar”, mas fluxos vivos dos devires: as atividades só são “livres” porque são “determinadas”, isto é produzidas, produções de produções, triangulações singulares de cada máquina contratual e triangulações das máquinas contratuais e seus entrenós.

\*. a máquina contratual é mais ampla, mais complexa q “o corpo”, q é instrumento individualizado por forças gregárias: a máquina contratual é também o corpo, ou os corpos da máquina contratual: mas é mais, são as forças tecidas por outras máquinas contratuais, linhas de forças q não se esgotam no corpo mais se abrem enquanto entrenós, relações vivas entre as ondas do existente máquina tribal.

\*. a grande razão q é o corpo de nietzsche precisa da natureza: a máquina contratual é produzida por entrenós, pelas grandes razões da máquina tribal, sendo o corpo um dos fantasmas da máquina contratual, aquilo q se apresenta: mas a máquina contratual é formatada pelos fluxos ritualizados, instaladores de temporalizadores, suas pequenas razões são operacionais das grandes razões q estão nos jogos dos entrenós, na máquina contratual: não é a vida q engloba a máquina tribal no mundo, numa natureza, num universo, mas universo, natureza, mundo são ex-pressões das máquinas contratuais da máquina tribal: vida é um conceito uma noção, uma evidencia das forças da máquina tribal: a consciência enquanto dobra imaginaria reativa não tem domínio, mais é feixe de manutenção, proteção, reprodução das máquinas contratuais: “nela” não acontecem forças positivas diferenciadas, reorganizativas: seu papel é o de cão de guarda dos entrenós, de máquina tribal: o q se chama consciência enquanto dobra reativa imaginária são forças atrativas, de unidade e defesa, mas jamais “conscientes”: o “estar consciente” é uma das suas ilusões alto imaginativas, mas não passam de temporalizadores defensivos de manutenção da máquina contratual enquanto parte das manadas: “a consciência”, “o eu”, sendo ponto de partida ou de chegada produz sua particular forma de deformação, seu desvio servi, realizando sua função acobertadora, protetora, reprodutora dos entrenós, das máquinas contratuais e da máquina tribal: o corpo sendo tomado como “algo natural”, “algo social”, “algo histórico” o q faz é reproduzir as funções do “eu”, da “consciência”: corpo é precisamente uma das “funções” produzidas pela “consciência” e nesse ponto, funcionam em conjunto: esse conjunto é integrativo das manadas de máquinas contratuais q são mais “extensas”, “profundas”, “complexas” q “corpo”: as máquinas contratuais são expressões aberta dos entrenós e os seus funcionamentos incluem exterioridades relações, movimentos e formas, materialidades: uma máquina contratual é muito mais extensa q um corpo: ela é um virtualizador um produtor de realidades: céu, azul, nuvens, chão, arvores, pessoas, meu corpo, sonhos, sons, a cada imediato, fazem parte de uma máquina contratual: existencializadora.

\*. lutar por liberdades, democracias, liberalismos, socialismos, governos, políticos, economias é pensar e lutar por “práticas” pra máquina tribal,ajeitamentos, facilitadores, o q é melhor em determinadas condições pra máquina tribal, o q faz ela produzir melhor as produções: a dor, a felicidade, a infelicidade de “singularidades” nada importa pra máquina tribal: são questões administrativas, políticas, econômicas e as ideias circulando em suas

artérias, ações, potências: liberdade, felicidade, igualdade só podem significar se significam pra maquina tribal: não são conceitos, como nenhum conceito, separados da maquina tribal, dos espíritos de manada cuidando dos bons funcionamentos e tentando eliminar qualquer avaria, qualquer distúrbio produzidos pela própria maquina tribal: lutar por “algo” não é apenas uma “questão filosófica”, mas questão administrativa aberta, estimulada, desenvolvida pela própria maquina tribal via maquina contratual, isto é a maquina contratual em sua luta por mais, se defendendo, se expandindo, fazendo alianças, atuando, realizam as forças maiores da maquina tribal: salvar a pele, melhorar a vida, se relacionar melhor, vencer são potencias vivas da maquina tribal através das maquinas contratuais.

\*. maquina tribal não pertence a nenhuma “tradição” nem é reunião de tradições, muito menos se “desenvolve” ou “evolui”: não é uma “única realidade” nem “realidade dispersa”, nem uma nem múltipla: não pode ser compreendida (como seu deus principal: todo seu conhecimento não consegue nem compreender-se nesse nível nem compreender o “outro”: seu conhecer é virótico, escravista, mercantil, clonizante): não é o “conjunto das mentalidades” ou “coisas imaginárias”, abrindo margem pra sucessões, “comunidades de sentidos”, semelhanças, series temporais, uma “consciência coletiva”, um “inconsciente”, um “espírito do mundo”: não é a interligação de nada com nada: não é conceito noções, pensamento, mas a in-finitude das atividades.

\*. fluxos loxográficos: posição do hermeneuta do presente: assim se pode “ver” a maquina tribal se pode “sentir” o horror, “pensar” os devires fascista da maquina tribal, seus fluxos de ocultação e exposição: mas só podemos sentir o horror passando em linhas de forças, essas q “somos nós” e isso “abre” o loxográfico.

\*. a maquina tribal não é apenas todas as maquinas contratuais, discursos, crenças, mentalidades, imaginários, atividades, mas o conjunto múltiplo de forças articuladas q tornam possível tudo isso funcionar da maneira q funciona: daí porque suas metáforas mais afiadas pra compreender ela sejam teológicas, metafóricas, fascistas: como todos os “campos do saber” foram produzidos operacionalmente, isto é, enquanto instrumentos de dominação, docilização, incorporação, ajustamentos das maquinas contratuais, não podem pensar nem “o outro” radical ( q faria “fora” da maquina tribal), nem os “interiores” da maquina tribal, suas multiplicidades e nem mesmo a maquina tribal, q é apenas “vislumbre” loxográfico, entrevista apenas aos fragmentos em ondas de posições em fluxos loxográficos, mas ainda assim não podemos saber.

\*. a “estrutura conceitual” da maquina tribal não se refere a nada fora dela mesma: não representa algo, rede ou campo, num existente imediato infinitos, infinitas produções, mas a lógica, conhecimentos, conceitos, experiências, relações internas instauradas por diversão “campos de saber” e q se articulam pra dar ou não um “efeito de realidade sem aceitar ou cair nesses efeitos produzidos pela própria estrutura conceitual”.

\*. o horror é não poder ser diferente: tudo q existe é produzido necessariamente pela maquina tribal e não poderia ser diferente: a diferença é uma variante imaginária q também advém da maquina tribal e pode um dia se tornar realidade, mas também advindo da maquina tribal: nenhuma idéia, sistema, política, forças existem sem serem produzidas pela e pra maquina tribal: toda negatividade é apenas uma positividade nos dispositivos e celeiros da maquina tribal: se tornem operacional, vivencial ou não depende da maquina tribal: cada existente, cada situação, cada perspectiva, produções e crenças, não poderiam ser diferentes do q são: sendo o q é, produzindo como produz as produções, os existentes da maquina tribal não podendo ser diferentes: não querer o q é aparece e se mantém num momento mercantil, industrial, financeiro da maquina tribal, q produz e mantém a “revolta” a “liberdade”, o “poderia ser diferente”, o “não ao existente” como moldes de forças estocadas e q podem ser utilizadas conforme a necessidade: a liberdade, a vontade livre, a diferença, a possibilidade de revoluções e revoltas são dispositivos específicos da maquina tribal em seu momento capitalista, não um contraponto ao necessário e determinado das produções da maquina tribal: as possibilidades de revoluções, revoltas, negativas fazem parte da maquina tribal, não são algo ao seu lado, antes ou depois, mas constitutivas: todas as redes vivas do louvor são a própria “realidade” em seus labirintos e esse louvor dela nos difere: perfeição não é o bem nem o mal, o bom ou o ruim, mas o q exprime exatamente a essência da maquina tribal: “por realidade e por perfeição compreendo a mesma coisa” espinosa, ética, II, def.6. o horror em todas as suas expressões, as misérias, opressões, guerras são perfeitas expressões da maquina tribal: q não é “ética, “moral”, “ideal”, mas o real em suas produções.

\*. a maquina tribal “... inteira é um só indivíduo, cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras, sem qualquer mudança do indivíduo inteiro.” ética, II, prop. 13, esc.

\*. a maquina tribal é onipresente não porque seja uma “unidade visível”, mas precisamente porque são todos nos exercícios das suas atividades, multiplicidades de forças, de intensidades, de relações produtoras de si, das relações, do real “como um todo”: onipotente e misteriosa porque não podemos abarcar um poder q não se apresenta, mas se dissemina, múltiplo, sendo as próprias maquinas contratuais:

\*. todos os sentidos, valores, justificativas da existência (maquina tribal) só a ela, as atividades das maquinas contratuais, podem ser pensadas: a maquina tribal não é justa nem injusta, verdadeira ou falsa, lógica ou ilógica, racional ou irracional (todos os pares) se aplicam e não se aplicam a maquina tribal: todas as atividades (nada mais evidente q a maquina tribal) não podem ser pensadas em termos de religião, ciências ou filosofia, mas nas medidas das atividades, q não são inocentes ou culpadas, mas sempre operacionais a varias redes, seja de uma maquina contratual, seja dos entrenós, seja do conjunto das atividades:

\*. como podemos dizer “sim ao devir” se os devires somos “nós” em nossas atividades? os devires não são exterioridade em fluxo e “nós” em fluxo também porque “fazemos parte”: pensar as atividades, as redes de atividades, abre os devires a mais q “aceitação”, “compreensão”, “positividade”, mais a “postura trágica”. a maquina tribal produz os sims e os não e suas atmosferas são o horror: as redes de atividades não são redes de devires inocentes, mas produtivos, parasíticos, mercantis, comerciais, viróticos, nazistas: não há dimensões trágicas, positivas, nobres, mas processos produtivos de sanguessugas em colônias, rizomas da maquina tribal, o amor fati ... seria amar a maquina tribal, o q é um absurdo, como diria espinosa com seu amor intelectual a deus, q e a maquina tribal e, por isso mesmo, também um absurdo q caem todos q tentam uma “compreensão”: a máquina tribal “é uma unidade” produtiva desmedida, parasitaria, sem finalidade a não ser produzir as produções, distribuir as forças consumir e sempre reiniciar todos os processos: máquina nazista – nos resta resistir, expor, reinterpretar, mas nada podemos “fazer”: todas essas operações são da própria máquina tribal e pra ela: dá o amor fati mergulhar na escuridão da in-utilidade: quando as próprias separações sujeito – objeto são atividades necessárias ao funcionamento da máquina tribal e não “existências” autônomas, o próprio conhecimento desliza e encontra mas funções operacionalizadoras, ficando sem poder “compreender” nada, sem poder ser “conhecimento”: todo o “pensamento”, “conhecimento” foi produzido pelas máquinas contratuais pra serem e são operacionais: sem efetivar-se pode muito mas nada pode compreender, entender, ir além de suas próprias forças: as metafísicas jamais foram superadas, destruídas, transmutadas, mas continuam com novas vestimentas, movimentos, formas.

\*. as máquinas contratuais normalmente se eximem de serem os produtores: os outros, as coisas, as circunstancias passam a conspirar contra cada uma delas em seus desejos: tudo q impede o desejo, o pleno, a vontade, são monstros externos: pra q a vida de cada máquina contratual valha a pena é preciso, ou seria preciso, condições tão perfeitas q seria igualmente ridícula e inviável: ou completamente imperfeita em seus perfeitos ritmos tribais feitos pelas próprias máquinas contratuais: basta um minúsculo desejo, uma desconfiança, uma contrariedade, uma ideia, uma palavra, lembranças, pra

q uma rede comece a se formar, a se impor, como um minúsculo tumor q se espalha: mesmo q possamos “provar o contrário”, ainda assim será impossível extirpar o tumor: ele é produzido da mesma maneira q cada máquina contratual, por toques, forças, relações de forças: chega o momento onde o tumor pensa: o tumor se une a outros tumores da máquina contratual e com outros tumores similares de outras máquinas contratuais: as máquinas contratuais sentem um mundo não apenas hostil, mas em constante conspiração contra vontade, desejos, prazeres plenos: se cada máquina contratual pudesse compreender sua produção a produção das máquinas contratuais, os fluxos vivos q cada máquina contratual aceita, defende, propaga, q cada uma inventa dos arsenais da máquina tribal e os tecidos e dos teares dos entrenós, se reconhecendo com aquele q produz, reproduz e defende a própria loucura q atormenta ele, criador dos seus próprios labirintos, porteiro do seu próprio inferno, ficaria estarecido e tentaria outros caminhos num cuidado de si.

\*. crendo em lógicas, conhecimentos, saberes criamos num universo q em se estabelecendo desde o século XVII ou XVIII: nesse mundo, e desse mundo, partimos pra tudo, esquecidos q ele foi lentamente produzido pela e pra máquina tribal: é sob ele q ela se esconde, e nesse coito monstruoso as máquinas contratuais continuam jorrando: a máquina tribal é circular, globular, planetária, cria um planeta, um circulo onde tudo ta dentro dele, onde tudo se circun-screve nele, pra ele a partir dele, da tribo q se torna mundo.

\*. a condição da existência são as atividades trianguladas, intensidades e forças sempre em devires ritmados e não há nada além dessas atividades q se esgotam no próprio agir: tudo sobre os imediatos é sempre depois, sempre tarde demais e deve ser enfrentado em sua forma de existência discursiva:

\*. as máquinas contratuais tem a profunda im-pressão q apenas elas e pra elas é q as “coisas” acontecem, se dão, aparecem: elas são “abertas” enquanto o q não são elas são “fechadas”: pra elas o “real ocorre”, a realidade se dá: mas o “aberto” de cada máquina contratual é produzido, laborado minuciosamente pelos entrenós, pelas máquinas contratuais: não é nem pode ser um “fenômeno originário”, mas condição das produções da máquina tribal: a abertura q se faz e se torna abertura nas máquinas contratuais é processo profundo de individuação, seja “singularmente”, seja nos “processos” dos devires: é preciso, determinado, necessário produzir, e inescapável não produzir, a “abertura” de cada máquina contratual: é isso q torna ela “sociável” produtora e reprodutora, cão de guarda da tribo: não é a “abertura” q produz “aberturas”, mas a dis-posição das máquinas contratuais q tem a “abertura” como um dos seus “instrumentos” de existência: ficar preso na “abertura” sem poder se colocar “fora” dela, é pura metafísica camuflada, imobilização das atividades q produzem “aberturas”: sendo as atividades em produção das máquinas contratuais a “abertura” não pode ser, não é nem

“protófenômeno”, ou “acontecimento arcaico”, ou algo “fundador”: ela é puro e simples produtos dos entrenós das máquinas contratuais enquanto uma das condições instaladas pra gerar funcionar, produzir: qualquer “transcendência” da abertura leva apenas à máquina contratuais, entrenós, máquina tribal fazendo a volta no circulo vicioso e inescapável das rodas produtivas gerais da máquina tribal: todas as exterioridades, fenômenos, coisas – não passam de dimensões das atividades das máquinas contratuais: a “abertura” não pode se abrir pro q não é máquina tribal enquanto “toda a evidência” toda a efetividade não passa da máquina tribal, “percebida”, “vivenciada” enquanto “abertura” pelas máquinas contratuais: circulo vicioso.

\*. não se interpretam “coisas”, “acontecimentos”, “linguagens”, enfim – exterioridades, mas se interpreta interpretações – perspectivas, forças em relações, desejos, intensidades: não há o ente, o ser, o mundo, o homem, a natureza, a sociedade pra serem interpretados: tudo isso faz parte das produções de forças dos entrenós e se apresentam como perspectivas em triangulações, atividades vivas: interpretar não é buscar o existente como se ele fosse diferente das próprias interpretações: a máquina tribal não passa de interpretações, perspectivas, imposições de sentidos: substancialidade de todas as “naturezas” não passam de produções, feixes de forças, atividades, perspectivas: não “nos relacionamos com as coisas” – as coisas e nós não passam de jogos de forças, regras de atividades, ritmos interpretativos, teatro de perspectivas: não há nada q funcione como estabilizador imobilizador, seja signo, seja linguagem, seja crenças – os desvios (atividades trianguladas das máquinas contratuais) não se deixam coagular a não ser em “teoria”: temos apenas interpretações de interpretações, perspectivas de perspectivas, atividades trianguladas e seus jogos de poder: interpretar é impor potência, é ser mais forte, é dizer, impor perspectivas: quem interpreta é a imposição de forças, são as forças os interpretes: interpretar não é uma busca pela “verdade”, “realidade” ou “sentido”, mas impor uma rede interpretativa contra redes interpretativas: é ação vital, e ação vital, as são interpretações em movimento: daí a interpretação não partir de um “ponto”, algo fixo nem pode chegar a uma “conclusão” a um acabamento, a uma territorialização (sempre interpretação): interpretar é abrir os territórios, desterritorializar, expor seus devires: “o que” se interpreta, “quem” interpreta, mais as teorias, métodos e técnicas, não passam, todos, de interpretações de perspectivas em jogos de forças, injunções de sentidos e valores: a interpretação é uma violência como a vida, ela não existe sem se impor, sem aparecer, ela “atua ofendendo, violentando, destruindo, não podendo sequer ser concebida sem esse caráter” (nietzsche, genealogia da moral, II, §11): forças contra forças: interpretar não é “antropocêntrico”, “teórico”, não é um “produto hermenêutico”, mas antes de tudo, atividade vital forma de existência, maneiras de fazer existir, de impor existências: o hermeneuta é aquele q luta pra impor sua perspectiva, suas forças: mas antes são essas forças q são interpretes, interpretações: o “hermeneuta” é uma máquina contratual nos jogos de forças, lutando por mais potência, impondo sua vida enquanto também interpretação: ele luta pra “se tornar senhor de alguma coisa”: mas não pode

esquecer q sua atuação não é aplicar mas interpretar, não imobilizar, mas surfar nas multiplicidades: “Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo e quanto mas afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’”, nietzsche, genealogia da moral, III, §12.

\*. o q mais poderia se aproximar do conceito de liberdade seria o de forças em relações se exercendo conforme suas potências, intensidades, forças/potências/relações q se fazem por serem o q são ao se fazerem – mas isso não precisa da “consciência” ou da “vontade”, q entram nos fluxos como forças também q são tudo menos violações conscientes e direcionamentos produzidos por isso: as forças seguem sem precisar de um eu dominante, uma vontade consciente, um sujeito autônomo: esses são conceitos de forças fracas, forças medrosas da sua potência, forças já domesticadas e vêem apenas o imóvel, a ordem: seu horizonte de delírio é o da potência domesticada.

\*. sob a ótica da máquina tribal q significam todos os conceitos, isto é, da perspectiva máquina tribal como podemos ver ou rever todas as outras perspectivas?: como ver a perspectiva máquina tribal sob a ótica da máquina tribal?

\*. diante da máquina tribal só nos resta o “sim irrestrito”, o amor fati: aceitar o sentimento, a vivencia, as dimensões trágicas da existência: diante do horror, entender o horror enquanto a dimensão da tragédia, o sofrimento, os dilaceramentos trágicos do existir: a máquina tribal produz todos os sins e todos os nãos: nada podemos fazer diante das multiplicidades de forças de cada um e de todos os entrenós não aceitar e dizer sim seria não compreender o “espírito do formigueiro”, o inescapável: precisamos apenas convencer os miseráveis, os fracos, os torturados, os humilhados e ofendidos, os subalternos, os ressentidos, os revolucionários e revoltados, q a vida é assim mesmo e q eles devem dizer sim a tudo isso: como eles já vivem e fazem isso com deus, a pátria, a propriedade e o estado, a história, a filosofia e as religiões, convencer a dizer sim do formigueiro máquina tribal é um passo: a grande aquiescência profunda a deus é a mesma com a máquina tribal: é resultante transcendente ou imanente é a mesma, nos curvamos ao q é, seja deus, o estado, a história, a máquina tribal: tanto faz! – sim ou não ou talvez, tudo serve pra máquina tribal, e nada melhor q dizer sempre sim, tragicamente, pra máquina tribal: isso não interfere no seu “andamento”, ao contrário, cria, procria, produz, reduz máquinas contratuais sempre melhores e mais bem preparadas pra máquina tribal.

\*. o “sim irrestrito à vida” não é um “sim irrestrito” a máquina tribal: compreender o existir não implica em negar, mas afirmar sua necessidade, determinação, relações, impossibilidade de mudar fora de suas próprias condições: apenas a máquina tribal muda, mutaciona a si mesma: mas o “sim

irrestrito” a isso enquanto compreensão do formigueiro e do ridículo do não pelo inescapável da máquina tribal: mas é preciso compreender como esse “sim” garante apenas a dimensão operacional da máquina tribal: ela é azeitada, suas máquinas contratuais dizem “sim” ao seu próprio funcionamento, a reprodução de mais máquina contratual, ao conjunto máquina tribal: mas esse “sim” não vai além disso: não por uma transcendência “anterior” ou utopia “posterior”, mas por uma ação da máquina tribal q o q fizer comunga, compartilha, ajuda, complementa a própria máquina tribal: o “sim” e o “não” são ridículos: se os devires q são as atividades trianguladas, os entrenós da máquina tribal, não há “sim” nem “não”: mas um faça-se, cumpra, siga, viva, trabalhe, se reproduza, continue, aceite sobre todas as outras coisas: o “sim irrestrito” não é “sim”, mas acatamento inescapável, como seria inescapável o “não” ou algo neutro: o “sim irrestrito” o amor fati já é a tentativa nietzschiana de por novos valores no lugar dos velhos valores: mas em todos os casos a questão é apenas servir a máquina tribal: não é questão filosófica ou metafísica, mas operacional: valores não operacionais se transformam em outros mais operacionais: os devires não são “inocentes”, mas as atividades trianguladas das máquinas contratuais: a máquina tribal é uma brincadeira leve q acontece numa “terra”, numa “história”, entre “homens”: essas crenças e as novas serão-sempre operacionais, nem transcendentais nem imanentes: do lócus dos devires, das atividades em produções, afirmar ou negar, é indiferente, ou fazem parte, o q dá no mesmo: nietzschianos e sacerdotes, revolucionários trabalhadores, ascetas, donas de casa e artistas se são as mãos e comovidos cantam pra máquina tribal dormir.

\*. a genealogia (nietzsche) e a arqueologia (foucault) ou mesmo o desconstrucionismo (derrida) e até mesmo deleuze, mantém a história, a natureza, devires enquanto realidade e realidade enquanto existência – sem mudar completamente de “perspectiva”, continuaremos sempre numa “sociedade” em “história”, “politicamente” e “filosoficamente”, “fazem” e “pensando” “coisas”, enquanto a máquina tribal segue incólume nem mesmo vista ou pressentida: (o horror avança e nada podemos fazer): há neles um resto significativo de “poder de crença”, de quase modificação do mesmo, de uma maneira ou doutra a crença num “além”, num tipo de “antes”, numa “forma de existência”, no “homem”.

\*. o conhecimento, a consciência, o saber, ciência e filosofia, religião e senso comum, são “atividades” das máquinas contratuais, crenças nos entrenós: o saber não pode se saber, saber a máquina tribal saber “o outro”: ele foi produzido pra servir, pra funcionar, não pra “formar consciência”, “saber” – realmente: seria preciso pra isso um deus, as coisas em si, humanidade, homem, história, natureza – mas isso só acontece enquanto tautologia, círculo

vicioso: a máquina tribal: nenhum pensamento, ou “pensamento crítico” pode ir além do “possível”, dos trilhos circulares, do carrossel de paisagens e idéias do ser.

\*. as atividades q produzem cada máquina contratual não são causas da máquina contratual, mas apenas depois das forças se tecerem e tecerem, é q a causa aparece, o “eu”, a “pessoa”, a “interioridade”, “a consciência”, “os desejos e vontades”, “a autonomia”: os teceres são forças, mas são aleatórias, ritmadas, crenças, mas não são causas mas “efeitos” sobre “efeitos”, sem causa de forças sobre forças, afetos entre afetos, sem origem nem finalidade.

\* . quem interpreta não é interprete, um hermeneuta nem pesquisador, ou filosofo, q seriam sujeitos eus, pessoas, q exigiriam “objetos”, “mundo”, “realidade”, “coisa em si”: quem interpreta são forças, específicas relações de forças, q ao se imporem, ao quererem mais, impõe sua perspectiva: essa imposição de perspectiva chama-se interpretação: como só há interpretações, só há forças em luta por mais: Nietzsche tocou naquilo não apenas q é a alma da hermenêutica mas a essência da máquina tribal.

\*. vários “mitos de origem” foram criados na máquina tribal, muitos religiosos, morais, políticos, econômicos, mas todos eles, como todo bom mito, trata de algo q explica os começos, as forças iniciais e porque agora é assim, duma maneira ou de outra: todos esses mitos, normalmente aconteceram “antes” da máquina tribal: na verdade ele é a culminância “natural” “cultural”, “histórica” de um longo processo: ela é o mais elevado, a conquista final: esses muitos dizem muito da própria máquina tribal, sua esquizofrenia e paranóia essenciais e, principalmente, o ridículo dessas universalizações naturalizações, extrapolações, justificativas e ocultamentos infantis, pra não dizer “piedosos”: o muito pode ser “império romano”, “grécia” ou “hominídeos” “natureza”: não importa sua procedência teórica, religiosa, moral, filosófica, científica: todo antes é um delírio construído pra explicar, por agora no seu lugar, na sua linguagem, no seu processo, na estrutura, em seu movimento, em suas metas, na moral necessária agora e mira um futuro, prescreve o q dizer e o q não fazer: mitos, apenas mitos.

\*. ler nietzsche a partir da perspectiva da máquina tribal torna uma persona non grata num defensor ferrenho da máquina tribal, sem o saber: o “além-do-homem”, “as forças”, “as intensidades”, “a luta por mais potência”, “o homem novo” caberia perfeitamente no “melhor” e mais “potente” da máquina tribal: nietzsche é cada vez mais requerido não porque seja “contra”, mas porque é ele o arauto de uma máquina tribal de máxima potência, de máquinas contratuais constituídas enquanto feixes e configurações de impulsos em seu “estado mais alto”: zarathustra é o cantor dessa imensa tragédia invertida q é a máquina tribal: suprema ironia: nietzsche realizado é a máxima potência da máquina tribal: o deixar acabar tudo q e decadente e

parasitário, todo declínio de potência, todas as vidas inúteis, aumenta a força das máquinas contratuais “nobres” (o trabalhador ideal, “livre”, potente, inovador, criador, “senhor” de outras máquinas) e torna a máquina tribal eficiente, limpa, poderosa: ridícula ironia quando a nobreza nietzschiana torna-se a classe media monstruosa, o capitalismo cada vez mais faminto, uma máquina tribal em luta por potências máximas: patético, engraçado: é de morrer de rir.

\*. re-ler cada um dos autores eixo da noção de máquina tribal (espinosa, nietzsche, foucault, deleuze) a partir da noção de máquina tribal: reler a noção de máquina tribal a partir da noção de máquina tribal.

\*. a vida é “valor supremo” da máquina tribal, mas o “viver”, mesmo fazendo parte, sendo exercida na máquina tribal, pode ser desvirtuada pra se tornar um valor provisório: “bem viver”, o “viver criadoramente”, o “viver alegre”, o “viver libertino” – todos em suas profundidades dionisíacas, pagãs: o viver enquanto desvio da “vida”, dos “valores”, dos “trabalhos”

\*. o supremo interesse de nietzsche pelo homem, humanidade, futuro, sociedade, cultura, isso tudo no futuro, superações com mais potência, visto pelo ângulo da máquina tribal se torna ridículo, coisa de padre, revolucionário, de funcionário do estado, da industria, do comercio, preocupado com melhorias, desenvolvimento, avanços: o “além” nietzschiano se tornou apenas o q é, sem retórica, um “melhoramento” do plantel: o além-de-homem são os melhores produtores, criadores da máquina tribal.

## **bibliografia**

- Arendt, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Companhia das Letras, São Paulo 1989.  
Barrenechea, Miguel Angel de. **Nietzsche e o Corpo**. 7 letras, Rio de Janeiro, 2009.  
Bauman, Zygmunt. **Vida Para Consumo**. Zahar, Rio de Janeiro, 2008.  
\_\_\_\_\_. **A Sociedade Individualizada**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.  
Bourdieu, Pierre. **O Poder Simbólico**. Difel/Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.  
\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. Edusp, São Paulo, 1998.  
Caldas, Alberto Lins. **Oralidade, Texto e História**. Loyola, São Paulo, 1999.  
Canetti, Elias. **Massa e Poder**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.  
Cassin, Bárbara. **Ensaio Sofísticos**. Siciliano, São Paulo, 1990.  
Castoriadis, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.  
Deleuze, Gilles. **A Dobra**. Papirus, Campinas, 1991.  
\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. Editora 34, São Paulo, 1997.

- \_\_\_\_\_. **Lógica do Sentido**. Perspectiva, São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**. 5 vol., Editora 34, São Paulo, 1995/1995/1996/1997/2007.
- \_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo**. Assírio & Alvim, Lisboa, 2004.
- Espinosa, Baruch de. **Ética**. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, tradução de Joaquim de Carvalho, São Paulo, 1983.
- Foguel, Gilvan. **Conhecer é Criar**. UNIJUÍ/Discurso Editorial, Ijuí, 2005.
- Foucault, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Portugalia, Lisboa, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Vozes, Petrópolis, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Hermenêutica do Sujeito**. Martins Fontes, São Paulo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População**. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica**. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- Frezzatti Junior, Wilson Antonio. **A Fisiologia de Nietzsche**. UNIJUI, Ijuí, 2006.
- Hobbes, Thomas. **Leviatã**. Abril Cultural, São Paulo, 1974.
- Hume, David. **Tratado da Natureza Humana**. Unesp, São Paulo, 2009.
- Klossowski, Pierre. **Nietzsche e o Círculo Vicioso**. Pazulin, Rio de Janeiro, 2000.
- Kossovitich, Leon. **Signos e Poderes em Nietzsche**. Azougue, Rio de Janeiro, 2004.
- Lins, Daniel. **Expressão: Espinosa em Deleuze/Deleuze em Espinosa**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2009.
- Martins, André. **O mais Potente dos Afetos: Spinoza e Nietzsche**. WMF/Matins Fontes, São Paulo, 2009.
- Mosé, Viviane. **Nietzsche e a Grande Política da Linguagem**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.
- Moura, Carlos A. R. de. **Nietzsche: Civilização e Cultura**. Martins Fontes, São Paulo, 2005.
- Müller-Lauter, Wolfgang. **A doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche**. Annablume, São Paulo, 1997.
- Nietzsche, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Companhia das Letras, São Paulo 1992.
- \_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral**. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Humano, Demasiado Humano**. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, São Paulo 2001.
- \_\_\_\_\_. **Aurora**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Fragmentos do Espólio**. Kothe, Flávio R. (Org.), UnB, Brasília, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Fragmentos Finais**. Kothe, Flávio R. (Org.), UnB, Brasília, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Assim Falava Zaratustra**. Vozes, Petrópolis, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Vontade de Poder**. Contraponto, Rio de Janeiro, 2008.
- Onate, Alberto Marcos. **O Crepúsculo do Sujeito em Nietzsche**. Discurso Editorial, São Paulo, 2000.
- Rocha, Sílvia Pimenta Velloso. **Os Abismos da Suspeita**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2003.
- Santos, Márcia Patrício dos. **Corpo: Uma Introdução à Metafísica de Espinosa**. Annablume, São Paulo, 2009.